

Primeira Igreja Batista do Rio de Janeiro

Estudo 1 – Escravidão e terror no Egito

Êxodo 1

Elaborado por Lincoln A. A. Oliveira
lincoln@pibrj.org.br

1. Introdução

Muitas vezes o crente enfrenta crises durante tanto tempo que ele mesmo ou alguns que o observam chegam a pensar que Deus não está presente naquela situação. Foi o que aconteceu com o Povo de Israel, ao final do período de quatrocentos anos em que passou no Egito. Esses quatro séculos começaram quando o hebreu José, homem mais poderoso daquela terra, logo abaixo de Faraó, mandou buscar sua família de cento e quarenta pessoas, formada por seu pai, onze irmãos, respectivas esposas, filhos e servos, para morar no Egito. Lá, eles tiveram o melhor para si conforme nos relata Gn 47.6;11. É bastante provável que o Faraó da época de José pertencesse a um povo semita de nome Hicso que havia tomado o poder no Egito por volta de 1640 a.C. Isso talvez explique o fato do Faraó ter apoiado migrações da terra de Canaã para o Egito incluindo a mudança da família de José. A presença de população semita poderia servir de apoio político ao Faraó hicso e até mesmo formar uma aliança caso os egípcios decidissem tomar o poder de volta, o que acaba acontecendo mais tarde, por volta de 1550 a.C. quando os hicsos são finalmente expulsos do Egito.

2. Um novo rei e uma nova ordem

No final desses quatrocentos anos, já sem os hicsos no poder, os hebreus já

eram cerca de dois milhões. Com uma população deste tamanho, e ainda, mantida de forma segregada, eles se tornaram um problema para os egípcios, ocasionando impactos diversos em sua economia e organização social. No auge da crise, o povo vive na condição de escravo tendo que realizar trabalhos forçados para os seus senhores. É neste cenário que Deus volta a se manifestar de forma visível fazendo surgir o libertador Moisés. Este, no momento oportuno, viria livrar o Povo de Israel daquela situação, levando os israelitas de volta para Canaã, a Terra Prometida.

O texto de Êxodo 1.8,9 relata que ***“E levantou-se um novo rei sobre o Egito, que não conhecera a José; O qual disse ao seu povo: Eis que o povo dos filhos de Israel é muito, e mais poderoso do que nós”***. É possível que o texto Bíblico aqui mencionado se refira exatamente ao final da dinastia hicsa que é substituída então, por uma linhagem egípcia que retorna ao poder.

A partir desse ponto verifica-se o início ou o aumento das ações egípcias de contenção e cerceamento dos hebreus. É fato que o Faraó egípcio temia o crescimento dos hebreus e a possível desestabilização que poderiam promover. A política para contrapor-se a essa ameaça era escravizá-los, intimidá-los, desmoralizá-los, amedrontá-los, aumentar a opressão e até mesmo exercer algum tipo drástico

de controle da natalidade sobre eles. Essa última medida extrema vai se concretizar na época do nascimento de Moisés, quando o Faraó decreta que todos os meninos hebreus recém-nascidos fossem afogados no rio Nilo.

3. Faraó e as parteiras

O plano do Faraó em jogar os recém-nascidos hebreus no Nilo começa por engajar as parteiras nessa missão desumana. Elas, contudo temeram a Deus mais do que a Faraó e não cumpriram a ordem do rei. O texto Bíblico aponta que a fidelidade dessas parteiras rendeu-lhe bênçãos de Deus. Elas receberam moradias e o nome de duas delas até hoje são lembrados, Sifrá, e Puá (Ex.1.15 e 21). Em contraste, ninguém conhece o nome do Faraó ou Faraós que oprimiram os hebreus. O caráter e a conduta das parteiras tiveram mais valor para Deus do que a posição de poder daqueles governantes. À luz do fracasso de sua estratégia Faraó convoca então o povo dizendo a todos: **“os filhos [das hebreias] que nascerem lançareis no rio, mas a todas as filhas guardareis com vida”**. (Ex. 1.20-22). É nesse ambiente que nasce o bebê Moisés. Ele sobrevive à ordem do Faraó e se torna o libertador dos hebreus, do jugo dos egípcios.

4. Algumas conclusões

Durante os quatrocentos anos de cativo Deus esteve atuando de forma silenciosa preparando seu povo para retornar à Terra Prometida. Na realidade, durante esse tempo pode-se enumerar pelo menos quatro bênçãos que o Povo de Deus recebeu:

- a. Em tempos de seca e penúria os hebreus, através de Jacó e sua casa, foram preservados ao

serem enviados para o Egito então sob o governo de José.

- b. A ação de Javé em manter e livrar o povo serviu de testemunho para os egípcios. Muitos deles acompanharam os hebreus quando estes partiram de volta para Canaã.
- c. O Povo de Israel cresceu de cerca de cento e quarenta pessoas na chegada, para cerca de dois milhões na partida.
- d. Deus usou esse tempo para preparar o povo fisicamente para o rigor da viagem de volta para Canaã e para os combates que se seguiriam, contra os cananeus.

Finalizando, identificamos alguns princípios que poderão nos ajudar em tempos quando a mão de Deus não se mostrar evidente em nossas vidas:

- i. Os propósitos de Deus se realizam mesmo quando nós não estivermos diretamente envolvidos.
- ii. Eles se tornarão realidade mesmo que não tenhamos conhecimento deles.
- iii. Quando acharmos que Deus não estiver atuante, devemos ter fé, pois que a vontade Dele certamente ocorrerá para o bem daqueles que O amam.
- iv. Os propósitos de Deus são alcançados tanto no conforto quanto na adversidade. Talvez nas adversidades, é que os crentes sentirão mais ainda a presença de Deus.

Bibliografia:

“Exodus: The Birth of the Nation
Highlights in the History of Israel - Part II
Pharaoh’s Fears and Israel’s Faith”
de Robert L. Deffinbaugh, Th.M.
Biblical Studies Press